

# **Ser Brasileiro. Será Possível Identidade Nacional no Brasil?**

*Elisa Munhoz Cazorla\**

## **Resumo**

Desde o início da História oficial do Brasil, uma polêmica ronda as rodas acadêmicas e está presente nas preocupações das elites: como um país mestiço pode alcançar sucesso econômico, político e social? Os ideais trazidos da Europa apostavam que o sucesso estaria na homogeneidade étnica. Estas ideias frustravam os pensadores de uma determinada época que enxergavam no Brasil a mistura de raças. A questão que este trabalho busca levantar é a de encontrarmos neste país visivelmente heterogêneo uma identidade nacional.

**Palavras-chave:** Identidade. Memória. Nacionalidade.

## O que diz a História?

O Brasil é objeto de vários artigos e livros nacionais e internacionais por vários motivos, entretanto um dos aspectos que mais seduzem os autores é o povo deste país. Desde romances de ficção científica até artigos acadêmicos, o brasileiro é um fenômeno a ser desbravado. Não é muito difícil entender o porquê disso. Em qualquer sala de aula repleta de alunos, mesmo o observador com olhos não treinados, perceberá o leque de cores e formatos que se misturam e convivem. Se compararmos a realidade étnica do Brasil com a maior parte dos países no resto do mundo, onde, apesar das poucas exceções, existe a possibilidade de se traçar um tipo étnico para o povo de cada país em função da homogeneidade física visível, chegaremos a conclusão de que o mesmo exercício é-nos impossível.

Desde o seu início, a mestiçagem faz parte da História do Brasil. As discussões acadêmicas que pretendem explicar aspectos culturais e sociais do país, que não considerarem o fato de sermos um povo formado por três grandes raízes, a indígena, a ibérica e a africana, trarão contribuições incompletas e mínimas, para não dizer nulas.

Além desses três grandes povos, o Brasil recebeu outros vindos de muitos lugares do mundo que exerceram forte influência nos hábitos culturais e sociais do brasileiro na época de sua chegada e que se estendem até hoje muito fortemente. Entre eles estão os holandeses, alemães, espanhóis, italianos, japoneses, libaneses, turcos, etc. Não podemos ignorar que nosso país é um emaranhado de culturas diversas.

Os portugueses, colonizadores de nosso país, não eram novatos nas andanças pelos mares e terras quando alcançaram as costas baianas em 1500, território hoje conhecido como Porto Seguro. Este povo pioneiro das navegações, vindos da costa europeia, por séculos já mantinham contatos com outros povos, entre eles árabes, africanos e chineses. Contatos estes que acabavam por ultrapassar os motivos comerciais fazendo dos portugueses um povo mestiço, ponto importante para se entender como se deu a formação do Brasil. Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, nos explica isso ao

afirmar que:

[...] outra face bem típica da sua extraordinária plasticidade social: a ausência completa, ou praticamente completa, entre eles, de qualquer orgulho de raça. Ao menos do orgulho obstinado e inimigo de compromissos, que caracteriza os povos do Norte. [...] Explica-se muito pelo fato de serem os portugueses, em parte, e já ao tempo do descobrimento do Brasil, um povo mestiço. (HOLANDA, 2008, p. 53).

O final do século XIX e o século XX foram marcados pelas discussões que pretendiam formular quem era o povo brasileiro a fim de buscar uma nacionalidade, algo que envolvesse todo o enorme território onde habitavam (e ainda habitam) pessoas extremamente diferentes em suas cores, tipos físicos, hábitos, religião, danças, alimentação, vestimentas, etc. A grande questão que rondava as mentes dos pensadores dessa época era a possibilidade de uma identidade nacional diante de tamanha diversidade étnica. A diversidade étnica cultural do Brasil era um incômodo às elites, uma vez que o modelo de Estado Nação para o Brasil era o europeu com fortes referências de homogeneidade étnica.

Nas primeiras décadas do século XX, Oliveira Vianna com o seu texto *Populações Meridionais do Brasil*, traz uma inovação ao pensamento quando aponta a importância da dimensão histórica e do ambiente social onde os indivíduos estão inseridos, negando dessa forma, que seria necessário um tipo étnico e social fixo para o sucesso de um povo. Mesmo diante de tantas diversidades, visíveis e simbólicas, e, como Oliveira Vianna, indo na contramão dos ideais iluministas que apostavam em um indivíduo universal, é possível afirmar que somos um país formado por um único povo.

### **O que dizer sobre identidade e estigma?**

Um dos fortes aspectos da identidade nacional brasileira é a língua. Sabemos que existem territórios muito menores, como a Suíça, por exemplo, com pouco mais de 41 mil quilômetros

quadrados, onde cada região do país fala uma língua diferente: a francesa, a italiana e a alemã. O Brasil, mesmo sendo país de dimensões geográficas gigantescas, com mais de 8 milhões e 500 mil quilômetros quadrados, onde muitas vezes uma cidade ou povoado está a milhares de quilômetros um do outro, motivo que dificulta muito e, frequentemente impossibilita o encontro dessas pessoas, é um país onde todos falam uma única língua – a portuguesa. Isto é um fenômeno mundial e um dos aspectos fundamentais para o fortalecimento da identidade nacional do país.

Através de uma política agressiva em 1757, Marquês de Pombal durante o reinado de D. João VI, promulga a lei que exigia que a língua nacional fosse a língua portuguesa. Mais tarde, com o governo nacionalista de Getúlio Vargas, volta-se a dar grande importância à língua portuguesa como língua nacional em busca de uma unidade nacional brasileira.

Apesar da grande importância da língua, a construção da identidade de um país possui outros meandros. Para entendermos melhor a construção da identidade nacional é importante que entendamos como se dá a construção da identidade nos indivíduos.

Mesmo diante de um país multicolor e multiforme, muitos discursos sobre identidade nacional reiteravam e enfatizavam a importância de se ter um país branco para se atingir o sucesso. Querer um Brasil branco era uma motivação para que mais estrangeiros europeus brancos viessem para o Brasil aumentar a população branca e, com isso, o governo era estimulado a direcionar incentivos financeiros a esses migrantes brancos. Fazendo isso, o governo explicitava seu descaso pelo povo numeroso que fora trazido à força, presos às correntes nos pés, braços e pescoços, obrigados debaixo de insanas chibatadas e castigos que mutilavam a carne e a mente, a construir um país. Este mesmo país que, quando não enxergava mais neles qualquer serventia, calou, isolou, ignorou e renegou esses ex-escravos e seus descendentes, filhos adotivos e não preferidos, à sua própria sorte.

Com o fim formal da escravidão em 1888, as ideias liberais que defendiam a individualidade, a liberdade e a igualdade, chegaram ao

Brasil sem considerar o contexto histórico do país e como os conceitos de liberdade, igualdade e individualidade deveriam ser adaptados à realidade vivida então. Assim, esses ideais, ao invés de promoverem um avanço social e econômico para todos os povos que conviviam aqui, abriram caminhos para a construção de juízos de valor sobre pessoas, depreciando e isolando ainda mais todos aqueles que não se encaixavam nos padrões europeus pré-determinados, possibilitando justificativas para o investimento em alguns povos e o total descaso de outros por se tratarem de pessoas que, a partir dos ideais liberais, não demonstravam qualquer vontade de ajudar o país a crescer. Eram considerados desajeitados, preguiçosos, baderneiros e estavam na miséria por seu bel-prazer. Eram uma entrave para o crescimento do país e o desejo dos governistas, das elites e de muitos pensadores, era de que eles voltassem para a África (de onde foram trazidos) ou que simplesmente desaparecessem (SEYFERTH, 2004).

Estes estigmas (GOFFMAN, 1963) impostos injustamente sobre os ex-cativos e seus descendentes não nos parecem muito distante. O pensamento oficial e corrente do início do século XIX vem se arrastando fortemente até os nossos dias e, o que era uma vez oficial e aberto agora se tornou um discurso preconceituoso e muitas vezes chamado de velado. Será mesmo?

### **O que dizer sobre a ‘Violência Velada’?**

Para nós, aquilo que não é escancarado é considerado silencioso e velado. Isso acontece porque vivemos num mundo onde as informações sobre violência nos chegam muito rapidamente através da mídia. Ficamos sabendo de lugares onde mulheres são assassinadas em praça pública por seus próprios familiares porque deixaram a mostra seus braços (ESPINOLA, 2000). Também sabemos da história violenta dos EUA que, por meio do grupo extremista Ku Klux Kan, grupo racista e protestante, defendia a supremacia branca. Seus membros usavam máscaras brancas, agiam em bandos e, covardemente, assassinavam negros simplesmente por considerarem que seu tom de pele lhes era inaceitável. Também conhecemos a

violenta política racista do *apartheid* na África do Sul que separou os grupos humanos em grupos raciais proibindo que brancos e negros compartilhassem o mesmo espaço público, como restaurantes e bancos de ônibus e, até mesmo, áreas residenciais, onde as remoções eram, muitas vezes realizadas de maneira enérgica sob os olhares de todos.

É verdade que no Brasil, não temos grupos covardes adeptos ao KKK que têm exercido qualquer influência significativa, e também não sofremos legalmente a violência das leis de *apartheid*. Mas, isso não quer dizer que não convivemos diariamente com demonstrações de terríveis violências racistas. A violência moral não é violência velada. Ela é tão escancarada e tão destruidora quanto a violência física. Infelizmente, a violência moral contribui para que o senso comum entenda o racismo no Brasil como algo de menor importância e de consequências leves. Mesmo entre os que se consideram negros, é comum encontrar falas que remetem à violência sofrida como algo velado.

Isto ficou claro durante algumas entrevistas<sup>1</sup> feitas com pessoas descendentes de negros e que se consideram negras. Percebemos que, a consciência sobre a violência racial está proporcionalmente relacionada com o nível educacional e preparo teórico-acadêmico. A pergunta que foi feita é: “Você acha que existe preconceito no Brasil?”:

Um pouco acho que tem. Ainda tem sim. Ainda tem dessa coisa que porque vem da escravidão ainda está preso, que negro é sempre mal visto, que não pode entrar em certos lugares, que negro não pode usar isso, que não pode ter aquele tipo de carro: “ah, não! É bandido, é porque roubou”. Esse jeito de pensar vem da nossa própria história. Pelo o pouco que eu aprendi, houve lá a abolição aí soltaram esses negros na rua e daí? Vão trabalhar com o quê? Vão comer o quê? Vão vestir o quê? Aí começaram a roubar porque precisavam da sobrevivência. E isso foi embutindo na sociedade. Então criou esse elo de preconceito. Então, existe um pouco sim, mas a gente *lá* vencendo. Eu passei por umas situações assim no Rio Grande do Sul (Passo Fundo) que é uma cultura muito branca, né? Então, quando eu cheguei lá, eu me senti um ET, literalmente um ET de Varginha. E as pessoas me tocavam, alisavam

minha face: 'nossa, olha que linda, que maravilhosa a pele dela! Olha, venham ver!', e ficavam assim. As vezes eu era perseguida na rua, eu usava umas roupas meio indecentes e eu não podia entrar em certas ruas isoladas porque os homens iam, dentro do ônibus, carro perseguindo, porque era como se fosse uma novidade, e ainda o sotaque quando eu abria a boca, né? Então, era assim diferente. Porque lá é muita aquela cultura daquelas mulheres lindas, brancas, loiras, daí chegava uma negrinha assim lá (risos) eles ficavam assustados. E assim, eu entrava no shopping, todo mundo olhando, entrava num cinema, era muito... acaba sendo constrangedor. Eu acabei ficando em depressão lá. E às vezes algumas vendedoras por falta de informação, então eu senti na pele de perguntar o preço de um produto: 'é caro.', 'mas, quanto custa?', 'é importado', eu fui grossa: 'não estou perguntando se é caro ou se é importado, tô perguntando o preço, dá pra falar ou tá difícil?' Isso eu tinha meus 16 aninhos ainda. Mas, assim é da cultura daquela região, né. Não é igual lá em Minas e aqui mais *pro* Paraná que é mais misturado. É lá. Então, era muito novidade e eu acho que eles ainda não sabiam como lidar com isso: 'uma pessoa negra, e agora?' Porque as mulheres lá são lindas, né, loiras, né, mas depois que eu fui conhecendo a igreja<sup>2</sup> e tal daí foi mudando mas, antes como eu não conhecia ainda a igreja, eu pensei em me isolar, porque eu praticamente não saía, ficava dentro de casa. Nos shoppings eu não podia entrar, ficava todo mundo olhando, nas ruas quando eu saía os homens me perseguiam, os carros, era assim... foi um choque sair de Minas quase divisa com a Bahia onde tinha toda aquela mistura e ir pra um lugar desses. Me sentia um ET literalmente. Daí eu fui conviver com o pessoal da igreja e as irmãs: 'olha que linda', e ficavam me alisando (risos) e eu dizia: mas, esse povo é doido! (risos) Depois dizem que é baiano que é doido (risos)<sup>3</sup>.

Sim. Então, é assim, funciona da seguinte maneira: o preconceito envolve a cor, mas, também envolve muito sobre a estilização da pessoa. Por exemplo, eu, eu não me visto com roupas largas, roupas de hip hop, mas se eu fosse negro e me vestisse com roupas de hip hop, eu iria ser olhado diferentemente. Quando eu passo no sinaleiro a noite, as pessoas, só por olhar pra mim, as pessoas já querem fechar o vidro. Eu sou grande e assusto as pessoas, 1,90m e 100kg as pessoas já pensam besteira, porque já fica no subconsciente deles. Mas, no Brasil tendem a não declarar o preconceito, mas tem. Todo mundo tem. O que eu faço é uma brincadeira, é

tacar na cara das pessoas esse preconceito. Na escola eu fazia muito isso, por exemplo, se a professora falasse alguma coisa pra mim eu dizia: só porque eu sou negro, né professora, isso é preconceito. E as pessoas ficam chocadas. Esse choque é porque dentro delas tem um pingão de preconceito, um princípio de preconceito<sup>4</sup>.

[...] eu não acho que seja ruim ser negro no Brasil. Tem vergonha por causa do preconceito que no Brasil é camuflado. Brasil prega que não é um país racista e é: Eu não sou racista, mas meu filho não namora uma moça negra. Eu não sou racista, mas minha filha não casa com rapaz negro. *Cê entendeu?* Porque o racismo no Brasil é muito camuflado. *Você entendeu?* Se você entra num shopping bem vestido, aí tudo bem. Agora vai um negro entrar num shopping mal vestido se os seguranças não ficam passando radinho seguindo com os olhos. *Entendeu? É bem assim no Brasil?*<sup>5</sup>.

Eu tenho certeza disso. Bem, a gente tem esse mito que no Brasil não existe racismo de identidade étnica. Isso é mito. Lógico que existe. Isso ficou bem claro pra mim quando eu comecei a ter acesso a alguns círculos sociais privilegiados. Teve um período da minha vida que eu frequentava círculos Maçons, e eu comecei a perceber que as pessoas me olhavam como se eu fosse algo exótico. [...] eu comecei a ficar muito incomodado: por que isso choca tanto? Porque eu sou negro e sei falar, sei me portar, eu sei conversar sobre qualquer assunto [...]. Então, o branco maçom empresário associado ao Lions Club se sentia incomodado porque eu também sabia emitir opinião sobre aquilo que ele achava que era acervo particular dos fraternos dele, das pessoas que eram como ele, né. Só que eu também experimentei situações de violência simbólica pelo fato de eu ser negro. Nunca tinha sofrido preconceito enquanto eu estive morando na periferia, onde todo mundo é pobre sendo branco ou sendo negro [...]. Mas quando eu comecei a participar desses círculos mais privilegiados, onde eu acreditava que as pessoas deveriam ser mais esclarecidas, eu comecei a sofrer preconceito, sendo confundido com garçom de festa mesmo estando muito bem... mesmo fazendo questão de estar bem trajado, de estar usando roupas caras, fui confundido com o garçom da festa que estava usando camiseta branca e avental preto e eu estava de terno, usando camisa de grife, gravatas caras<sup>6</sup>.

É... deve haver sim, não é? Nada velado. Porque muitas vezes nós confundimos a situação no Brasil



com sociedades em que a questão racial é uma questão até com previsão legal. Nós nunca passamos por isso, de ter a previsão legal. Mas, qualquer consulta à literatura, você percebe que havia... até hoje deve haver ainda, hoje digo deve haver por quê? Porque qualquer manifestação dessa natureza, força do atributo da lei e da cobertura da mídia, ela... ela é explorada, ela é posta a público, ela é condenada, justamente condenada, mas, por isso as pessoas são um pouco mais, é... cuidadosas. Elas podem até ter seus sentimentos, mas elas tomam cuidado pra não trazer esses sentimentos para o convívio social, né? Então, quanto a haver, eu penso que há sim. Claro que há<sup>7</sup>.

A violência ultrapassa os aspectos da criminalidade e mutilação física. Devemos entender que toda a imposição de visão de mundo diferente é uma forma de violência. Exigir que o outro pense, entenda o mundo e tenha atitudes como as minhas é uma forma agressiva de violência e deve ser questionada, refletida e extinta. Entender a visão de mundo do outro nos levará a entender as razões de suas maneiras de agir e ao convívio respeitoso com o outro.

Ao entendermos como construímos nossa própria identidade, compreenderemos também como o outro também constrói a sua identidade. Assim, será possível dialogar e enriquecer nosso entendimento com e do outro. É fundamental saber que a identidade só pode ser construída através do encontro com o outro. A partir deste conflito é possível construir os aspectos que explicam quem sou eu e aqueles que me fazem ser diferente do outro. Eu sou eu porque não sou o outro.

Muitas relações de violência têm como núcleo a construção identitária, ou seja, ao atribuir ao outro inferioridade. Esse tipo de alteridade que caracteriza o outro como inferior e irracional, estimula a violência não só física e verbal mas, também psicológica e emocional. Esse tipo de violência é expresso através de se ignorar o outro, de se atribuir ao outro invisibilidade, diminuindo sua importância social (SOUZA, 2008).

Marilena Chauí vem contribuir para a nossa discussão dizendo que:

Violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico

e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror. A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos e inertes ou passivos. (CHAUÍ, 1999).

Este exercício de transformar pessoas em coisas (atribuir características pejorativas, um estigma) faz parte de nossa história colonizadora e ainda hoje encontramos muitos que insistem em permanecer infectados por tais ideologias. Os portugueses sabiam como ter sucesso no mercado de escravos e economia escravagista – era através de transformar o cativo em coisa. Desta forma, eliminava-se o sentimento de culpa e a emoção ao relacionarem-se com os escravos. Era através desta construção e imposição deste estigma que torturas e atrocidades foram admitidas e, muito frequentemente, exigidas enquanto punições aos cativos que tentassem fugir.

Laurentino Gomes, autor de 1808, registra o relato de Baptiste Debret que assistiu a vários momentos de castigos de escravos que tentaram fugir. A violência é absurda e inaceitável para muitos de nós hoje, mas, que então, ocorria em praça pública sem que ninguém ousasse (ou quisesse) interromper. Os castigos sanguíneos e diários não pareciam ofender a quem assistia, pois, se tratavam de coisas insensíveis e não pessoas com emoções, vítimas, que eram surradas:

O carrasco, encarregado de executar o castigo, recebia uma pataca por cem chibatadas aplicadas. Pataca era uma antiga moeda de prata no valor de 320 réis. Todos dos dias, entre 9 e 10 horas da manhã, pode-se ver a fila de negros que devem ser punidos. Eles vão presos pelo braço, dois em dois, e conduzidos sob escolta da polícia até o local designado para o castigo. Para esse fim existem, em todas as praças mais frequentadas da cidade, pelourinhos erguidos com o intuito de exibir os castigados. Depois de desamarrado (do pelourinho), o negro é deitado no chão, de cabeça para baixo, a fim de evitar-se a perda de sangue. A chaga escondida sob a fralda da camisa escapa assim à picada do enxame de moscas que logo procura esse horrível repasto. Finalmente, terminada a execução, os condenados

ajustam as suas calças, e todos, dois por dois, voltam para a prisão com a mesma escolta que os trouxe. De volta à prisão, a vítima é submetida a uma segunda prova, não mesmo dolorosa: a lavagem das chagas com vinagre e pimenta, operação sanitária destinada a evitar a infecção do ferimento. (DEBRET apud GOMES, 2007, p. 251).

Não temos mais esse tipo de violência racista nas praças públicas, entretanto a mesma lógica de pensamento que permitia essas atrocidades horrendas contra os negros no Brasil colonial pode ser facilmente encontrada em nosso linguajar, piadas que contamos numa roda de amigos, na maneira como rotulamos nossos compatriotas, descendentes de um povo diferente que tinham outra cor, outras feições e outra cultura. Através de atitudes racistas do dia-a-dia, contribuímos para a perpetuação de carrascos e castigos contra outras pessoas, indivíduos munidos de sentimentos e racionalidade.

A visão de mundo, qualquer que seja, é construída em sociedade. Ou seja, toda a maneira de enxergar e interpretar o que acontecesse no ambiente ao redor e as razões que motivam as diferentes maneiras de agir não fazem parte da natureza humana – não é óbvio ou natural. Para indivíduos socializados em meio às sociedades ocidentais marcadas pelos ideais liberais capitalistas, pode parecer óbvio que o trabalho duro e braçal seja algo que enobrece a alma. Esta é uma ideia pensada e estabelecida a partir das relações dos indivíduos com o seu meio físico e simbólico. A não compreensão da visão do mundo do outro gera conflitos de diversos tipos, inclusive o violento. A história dos conflitos entre os descendentes de quilombolas, que já viviam no território chamado de Vila Bela<sup>8</sup> no Mato Grosso, e os colonizadores brancos, que, mais tarde, vieram ocupar o espaço a mando dos líderes governamentais, pode nos ajudar a pensar como se dá a construção identitária e como estigmas e preconceitos são pensados e atribuídos.

Os colonizadores de Vila Bela chegaram munidos dos ideais capitalistas e da educação formal. Um dos confrontos mais significantes foi a divisão da terra. Para os primeiros habitantes dali, a terra não estava sujeita a esse tipo de divisão. Eles não entendiam

a terra como um bem material. Ela pertencia a todos, estava ali para fornecer alimento a todos. Não lhes era concebível a ideia de cortar o espaço em pedaços e cada um ter o seu, sem que os demais não tivessem mais acesso à determinados espaços sem permissão de seu suposto dono. Logo, muitos desses primeiros habitantes perderam seu espaço legítimo porque não estavam protegidos pelas leis formais. Esses descendentes de quilombolas não haviam sido socializados sob o manto teórico da propriedade privada.

Os colonizadores brancos capitalistas trouxeram consigo bens materiais que não existiam naquele local até então. Esses bens modelaram novos anseios, desejos e necessidades. Começou uma divisão dos que tinham e os que não tinham, os ricos e os pobres. Juntamente com esses novos bens, fora trazida a ideia de que o trabalho era essencial para o progresso e o sucesso. O trabalho era o meio para se obter estes bens materiais. Todavia, a maneira dos primeiros habitantes de enxergar o trabalho estava baseada nas memórias de seus antepassados escravos que eram obrigados a exercer determinadas funções e espancados quando se recusavam a trabalhar. Trabalho, para eles, significava tudo aquilo que os transformava em ferramentas e animais de carga, era algo humilhante que os remetia à dores físicas e emocionais.

Neste encontro de diferentes pontos de vista sobre o trabalho, ideias sobre o outro foram tomando forma e substância, como lemos no texto de Maria de Lourdes Bandeira:

A relação patroa-empregada apresenta-se-lhes tal como é: uma rígida relação de dominação, cuja força de opressão transcende ao trabalho envolvendo a pessoa por inteiro. Essa relação é-lhes não apenas aversiva e intolerável, mas sobretudo indigna e aviltante. [...] Entre as atividades domésticas a única que as mulheres 'pobres' aceitam executar como mão-de-obra é a lavagem de roupa. De um lado porque as relações de trabalho não se extrapolam à pessoa, de outro porque a execução do trabalho ainda se mescla ao lazer na ida e vinda para o rio, no cantão com água, nas conversas enquanto a roupa está quarando, na captura do peixe para a janta ou para o almoço do dia seguinte. Os 'de fora' veem na recusa ao trabalho doméstico uma

‘prova’ incontestável da preguiça e da intolerância dos pretos que ‘preferem passar fome a ter uma obrigação’ (BANDEIRA, 1988, p. 266).

E é desta forma, ao ignorarmos que além da minha, existem diversas visões de mundo e na frustrante expectativa que o outro pense da mesma maneira que eu penso, que estigmas e preconceitos são formulados e, rapidamente, tidos como fatos inerentes à natureza do outro.

A identidade se dá através do encontro com o outro. Neste encontro, as culturas, que são resultados de relações sociais, tradições e história, se comunicam. Logo, não existe uma ‘cultura pura’ que tenha uma única raiz, uma única fonte. A cultura, assim como a identidade, é um diálogo com o outro. A identidade é uma relação complexa entre o indivíduo e o coletivo. Está inserida num contexto, equipada de razões e motivações.

Podemos trabalhar com o conceito de A Identidade e As Identidades, pois, dentro de um grupo podemos encontrar várias identidades e todo esse mesmo grupo pode possuir algo que os una num só grupo. Este movimento depende do outro com quem eu dialogo. No Brasil, por exemplo, existe um grupo que se identifica como paulista por uma série de características: nasceram no Estado de São Paulo, comem feijoada aos sábados, passeiam em shoppings na Avenida Paulista, e têm um sotaque e vocabulário próprio. Esse grupo é diferente do outro grupo de se identifica como gaúcho. Este, por sua vez, gosta de tomar chimarrão, falam “bah”, “tchê” e “guria”, adoram churrasco e tem Porto Alegre como o seu lar. Se representantes desses dois grupos distintos se encontrarem num ambiente completamente diferente para os dois, uma cidade qualquer de um país estrangeiro como China, por exemplo, esses dois indivíduos que possuem identidades diferentes encontrarão aspectos que os unirão: agora eles são brasileiros, torcem pelo Brasil na copa do mundo, cantam o mesmo hino nacional e usam as mesmas cores (amarelo e azul), falam português (e, neste momento, o sotaque já não importa mais), num ambiente completamente estranho para ambos, eles se tornam iguais.

A pessoa é uma categoria histórica e cultural e a identidade pode, apenas, ser evocada no plano do discurso e surge como um discurso para a criação de um nós coletivo. Além disso, a identidade é situacional e não pode ser pautada somente na descendência biológica ou cultural. Existe o diálogo político e econômico, histórico, etc (CUNHA, 1986).

Neste Brasil mestiço, a construção identitária dos negros não é menos complexa que qualquer outra, podendo estar sujeita à relações de violência física e moral devido ao contexto histórico do país, esbarrando assim em aspectos singulares e complicados. Em meio a um povo que experimentou tantas misturas, encontramos dificuldades em estabelecer certos critérios sobre quem é e quem não é negro, e quem é e quem não é branco ou quem é e quem não é indígena. Sabemos que cada sociedade determina o que e como caracterizar seus indivíduos, pelos aspectos fisiológicos, genéticos, culturais, etc. Mesmo com essas regras formais, é indispensável que levemos em consideração a auto-imagem de cada um, ou seja, como os indivíduos se identificam e se assumem. Através das entrevistas podemos pensar sobre como o contexto histórico, social, educacional, etc., podem influenciar sobre o pensar ‘quem eu sou’, sobre a construção da identidade. A pergunta foi “O que é ser Negro para você?”:

Acho que a mistura, o tom da pele, o estilo de cabelo, o jeito, os traços, nariz é uma coisa que não nega (risos) está na árvore genética. Se a pessoa tem o tom de pele escura, pra mim é negra. Independente de morarmos num país misto, sai negro com japonês, olho puxado, cabelo liso, mas, tem a pele negra, é negra. Eu penso que precisa ter um pouco mais de auto conhecimento, que muitos deles... eles mesmos se criticam. Há muitos negros que eles têm preconceitos com eles mesmos: ‘ah, eu não vou fazer isso porque eu sou negro, não sou bem vindo ali, não sou bem vindo aqui’, ‘ah não, mas isso não fica bem em mim’, então tem que se conhecer, tem que se aceitar do jeito que é pra se sobressair. Porque é uma raça que eu acho bonita. Eu gosto. Tem muitos negros bonitos, muitas negras bonitas, e quando você vê um bonito na TV é por quê? Por que ele se valoriza. Assim como o branco, a índia, a japonesa, todos são

bonitos, são povos bonitos, né? Mas, a pessoa tem que se conhecer senão a beleza não vai aflorar nunca. Vai ficar adormecida<sup>9</sup>.

Eu sou muito orgulhoso pela minha raça. Pra mim significa que nós, minha raça, erguemos o Brasil de certa forma e que nós lutamos muito por isso e nós já superamos muito por isso. Porque, assim, nós sofremos muito pela escravidão porque, digamos assim quando eles jogaram os negros na rua, os negros não tinham educação, os negros não tinham nada e eles sofreram demais por isso. E os negros foram crescendo, crescendo e tomando o poder e isso no mundo inteiro. Hoje, um presidente dos Estados Unidos, o homem mais poderoso do mundo, é negro. Isso é uma parte de muito orgulho pra mim. Eu acho que negros, não só no Brasil, mas, como no mundo, porque eu observo os negros na missão<sup>10</sup>, eles têm uma cultura própria, um jeito próprio de fazer as coisas. Eles, quando querem fazer uma coisa bem ele fazem muito bem, eles sabem fazer de maneira própria, raramente você vai ver um negro e um branco fazendo uma coisa da mesma maneira. Acho que isso é uma questão cultural e de criação. Eu já reparei nisso. Vamos dizer assim, se tem um negro e um branco competindo em alguma coisa, normalmente o negro vai querer ganhar. Ele vai se esforçar ao máximo pra ganhar. Nos esportes você pode ver que a dominação dos esportes que não são de elite, são de negros<sup>11</sup>.

Ser negro é a pessoa assumir o que ela é realmente. O que você nasceu. Se você nasceu de pai e mãe negros ou de pai negro, mãe branca, que mistura, não interessa, eu acho pra mim, 'eu sou mulata, ah meu pai é negro', ou você é ou você não é, entendeu? Eu sou filha de pai e mãe negros, então eu sou negra. Não é porque a sua pele é um pouco mais clara que você não é negro. Entendeu? E aqui no Brasil não, as pessoas acham que porque ela saiu com o cabelo liso, mas com a pele mais clara, ela não é mais negra. Mas, sendo que o pai dela é negro, ela é negra. Os Negros no Brasil... eu acho que a maioria dos negros às vezes não se aceita como negro. Tem vergonha de si, da raça, da casa, tenta normalmente misturar as raças pra clarear. Eles têm vergonha, não é da casa, é do que eles são. Entendeu, assim, você pode vê, é difícil você ver casais negros namorando, casado... Geralmente é uma mistura de raças. Porque tem muitos negros, eles mesmos são preconceituosos. Eles têm vergonha: 'Ah, mas vou namorar fulana'. 'Ah, mas com aquele cabelinho?' É bem isso mesmo que você vê. Quem *tá* de fora não vê, mas quem é da raça negra

sente isso, percebe isso. Entendeu? Assim, os próprios negros muitas vezes, não é generalizando, a gente sabe, mas os próprios negros têm vergonha de ser negro<sup>12</sup>.

Bem, ser negro pra mim é um reconhecimento de identidade, na verdade. Mais do que ter a pele... ser portador de mais melanina do que alguém que seja descendente de europeus. É uma questão de identidade, de identidade cultural, identidade política também. Ser negro é diferente de ser branco em muitos aspectos. Não é só a questão da raiz cultural, das expressões simbólicas, você ser negro comunista é diferente de você ser branco comunista. O branco comunista é descendente de italiano que veio pro Brasil por vontade própria. E ser negro não, você veio pro Brasil na marra, conta a vontade, morreu no caminho, ficou doente no caminho, mal acomodado. Não que o italiano que veio pra cá tenha sido bem acomodado, mas ele optou por vir pra cá<sup>13</sup>.

Bem, pra mim é um acidente genético: relacionar-se com pais que são negros ou, como no meu caso, 50% prá cá e 50% *prá* lá. Prá mim é só isso, nada mais do que isso. E no Brasil, por causa dessa herança lusitana, ele tem muito dessas gradações, coisas que nos países realmente preocupados quanto às relações raciais não existem, essas gradações que no Brasil existem. Aqui tem moreno, moreno claro, mulato, não sei o quê. Então, isso aí é cultura. Eu não olho para isso nem como hipocrisia. É herança cultural lusitana mesmo, né? Os lusos nunca foram muito chegados nessas coisas, né, de miscigenação, de interracialidade, eles nunca deram muita bola pra isso. Nós não herdamos esse negócio deles, né? Isso aí é mais coisa de que, em determinada circunstâncias, você quer atingir o seu oponente de um modo ou de outro. É uma maneira de atingir muitas vezes é essa, né? É apelar pra uma questão atávica de inferioridade que pra algumas pessoas incomoda e pra outras não muito. Não vejo porque incomode. Eu acho que a situação hoje é essa. Em função de se dar destaque pra isso, dessas políticas de... Eu não chamo de políticas afirmativas, acho que no Brasil não tem políticas afirmativas, tem políticas protecionistas e um pouco demagógicas. Então, em função disso existe hoje o que se chama de condição do negro, não é? É... Essa condição é desfavorável? Eu acredito que em alguns círculos seja, sem dúvida, né? Deve ser sim. Eu nunca passei por esse tipo de problema, de problemas decorrentes disso. Mas, acredito que isso deve incomodar, deve atrapalhar a vida de muita



gente. Eu vejo essa condição, eu vejo essa como sendo a condição do negro... Em qualquer sociedade, é... As questões raciais atrapalham. Atrapalham os judeus em qualquer parte do mundo, atrapalham quem não seja anglo-saxão em determinados países da Europa e até mesmo na América do Norte. E aqui no Brasil uma condição de negro deve atrapalhar muita gente. Não tenho a menor dúvida quanto a isso<sup>14</sup>.

Entre os muitos aspectos passíveis de serem levantados, consideramos dois que não podem ser ignorados, pois, são constantes nas falas dos entrevistados: o olhar sobre o outro e a memória.

### **O que dizer sobre a memória?**

Primeiro, o olhar sobre o outro: é possível observar nestes relatos que a construção do que 'eu sou', deve passar necessariamente pela construção do que 'eu não sou', ou seja, do que 'é o outro'.

Segundo, a memória: também está presente em quase todos os relatos, o passado marcado pela escravidão, um dos pontos fundamentais na construção do negro no Brasil. Para Joslideth Consorte<sup>15</sup>, o passado é uma questão fundamental para os negros brasileiros e tem a ver exclusivamente com o fim da escravidão:

Para a consciência nacional, regata-se com a extinção da escravidão a dívida brasileira para com os negros, que, a partir de então, puderam se integrar à sociedade como homens livres, com iguais direitos aos demais, sendo que seu futuro neste país, a partir de então, dependeria apenas do seu esforço. [...] Entregues à sua própria sorte, os africanos e seus descendentes vêm, desde então, construindo sua história, a despeito de tudo quanto lhes foi e continua sendo negado, nos espaços que lhes foi possível ocupar<sup>16</sup>.

A memória e a história oral são aspectos fundantes e diacríticos na construção da identidade. A memória é construída coletivamente e está sujeita a transformações constantes, ou seja, a memória pode não necessariamente corresponder à realidade do presente. Por exemplo, as memórias dos imigrantes japoneses sobre o Japão que deixaram,

não correspondem à realidade do Japão de hoje, mais de 50 anos depois e, além disso, se misturam com as relações sociais vividas no presente e/ou passado mais próximo.

Isso não quer dizer que sejam falsas ou mentirosas. São construções dos lugares, períodos e acontecimentos vividos pessoalmente ou que pertencem à lembrança do grupo que se está inserido e que são repassados aos descendentes. Estes elementos devem ser analisados e interpretados com cuidado (POLLAK, 1992). De acordo com Michael Pollak, a memória é seletiva e nem tudo fica registrado. O importante é saber qual é a relação entre as memórias e a construção dos personagens agentes das histórias.

Além das memórias construídas coletivamente por grupos dentro de uma Nação, existe a memória oficial de um país que estabelece a identidade coletiva de todo um povo. Por se tratar de uma ferramenta política, social e cultural fortíssima, a memória nacional é objeto de disputas importantes que pretendem determinar datas, feriados e acontecimentos oficiais que serão institucionalizados por livros didáticos e a mídia e que ficarão gravados na memória de todo um povo:

Nessa construção da identidade – e aí recorro à literatura da psicologia social e, em parte, da psicanálise – há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que foram um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade<sup>17</sup>, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992 p. 5).

No processo de construção identitária, existe o apelo de uma identidade coletiva apesar das várias outras identidades dentro do mesmo grupo. No discurso de um nós coletivo reside 'vantagens' que podem ser momentâneas e possibilitar ações políticas eficazes, reivindicações de maior visibilidade e/ou arrecadação de fundos monetários.

A memória coletiva nacional passa pela aprovação e seleção de líderes governamentais. Não é mera coincidência dar-se maior ênfase em alguns personagens históricos em detrimento de outros. Em busca de um país branco, nossos líderes decidiram dar maior voz aos nossos heróis brancos e que fizeram parte da elite como Tiradentes, por exemplo. Joaquim Maria Machado de Assis é um dos maiores gênios da literatura, reconhecido mundialmente e leitura obrigatória de quase todos os vestibulares. Sabemos que ele foi cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta, entretanto raramente nos é lembrado que Machado de Assis era negro, descendente de escravos africanos, no máximo ouvimos que ele era mestiço – como todos os outros brasileiros – mas, negro filho de pai negro, dificilmente ouvimos essa ênfase. Não seria isso uma tentativa de selecionar como nossa história deve ser contada e, mais importante, apagar propositalmente aspectos que poderiam traçar uma outra história?

Os ensinamentos primários e fundamentais são essenciais para a construção da memória e identidade coletiva de um país. São nesses períodos da vida e locais de aprendizagem que se apresentam os episódios que devem ser lembrados e que farão parte da construção de uma nação. Os heróis que aprendemos na escola são marcantes e estimulam o orgulho nacional.

Um dos grandes heróis do Brasil é pouco lembrado e mencionado nas escolas. Seu nome, Zumbi dos Palmares.

Zumbi aparenta, mais ou menos, trinta anos. É alto, muito mais do que seus generais e muitíssimo mais forte. A pelo, de um negro retinto e brilhante, estica-se sobre o peito largo e musculoso. As marcas faciais, que demonstram suas origens étnicas e tribais, são idênticas às que sua mãe, por tantas vezes, desenhou no chão da

senzala, ensinando-lhe sua origem, indicando-lhe um local que desconhecia, mas que ela dizia ser do outro lado do oceano e que se chamava Golfo da Guiné. [...] Zumbi está sobre um tronco de madeira pintado de vermelho e forrado com uma pele de jacaré. A mão direita segura a lança real, cuja ponta dourada brilha com um brilho diferente. A mão esquerda repousa sobre um crânio humano, branco e liso. Em volta de seu tornozelo esquerdo usa uma grossa pulseira de ouro bruto. Uma pele de onça lhe cobre os quadris, passando uma estreita tira pelo ombro direito. Um colar de dentes de onça, que se entrechocam, passa-lhe duas vezes em torno do pescoço. A boca de lábios grossos, o nariz afinado e o queixo quadrado dão-lhe um aspecto feroz e amedrontador. Mas, o que mais chama a atenção em toda a sua figura, são os olhos, dois olhos negros, enormes e um pouco oblíquos, dotados de um brilho agudo que fascina. Cobre a cabeça com uma espécie de coroa, que circunda sua cabeça deixando livre seu topo, que é coberto apenas por um fino couro, pelas laterais pendem duas pequenas lâminas, que escondem as orelhas e à frente sobe um pequeno régulo em forma de grossa espiral. [...] Imóvel, Zumbi observa seus novos súditos. Este é o salvador de seus infelizes companheiros de raça, este é o homem que ama a liberdade acima de todas as coisas. Estas mãos negras e fortes haviam aberto, no seio da América, um abrigo para os deserdados filhos da África Negra (FONSECA JÚNIOR, 2002 p. 192-193).

Seria possível não querer fazer parte da História de um povo que tem como herói um Rei soberano valente, forte, que lutou bravamente até sua morte pela liberdade de todo um povo? Bravo revolucionário, guerrilheiro que, com pouco mais de 20 anos de idade, possuía exímias habilidades militares e o respeito de todos que viviam ou almejavam viver neste local gigantesco auto-sustentável que abrigava milhares de pessoas, e não apenas negros, que fugiam das senzalas e desejavam viver livremente. Os Quilombos eram um refúgio, orgulho e esperança de liberdade para muitos.

Zumbi foi morto em 20 de novembro de 1695 como um símbolo de resistência e luta por liberdade. Sua cabeça arrancada e exposta em praça pública, pois, a população acreditava que Zumbi era imortal. Mesmo depois de morto, este herói negro brasileiro exerceu enorme influência e importância.

Que tipo de identidade o brasileiro teria se tivesse como seu mais importante herói um personagem como Zumbi dos Palmares? Que tipo de povo seria o brasileiro se, ao pensar no negro fugitivo das senzalas, as primeiras coisas que saltassem de sua mente fossem: herói, bravo, valente, brilhante, poderoso, nobre e justo? Estes adjetivos não correspondem ao senso comum de nosso povo. Quando o assunto é ex-cativos e seus descendentes, os adjetivos são: preguiçosos, sujos, feios, baderneiros, criminosos, desonestos, violentos, sensuais, desconfiados, etc.

A memória deste país foi construída social e politicamente através de ações intencionais. Podia ter sido outra. Podíamos ter escolhido ter gênios da literatura e bravos heróis que são enfaticamente negros, descendente de escravos. A ênfase em suas raízes étnicas faria grande diferença na construção da identidade e memória coletiva de nosso Brasil.

Existem momentos em que é conveniente ser algo e, outros momentos, que é mais vantajoso assumir uma outra identidade. Por exemplo, uma mulher professora negra brasileira, pode assumir essas diferentes identidades em determinados momentos. Ou seja, numa discussão com estrangeiros, é-lhe condição favorável dizer que é brasileira, numa luta por terras, seria interessante assumir que é descendente de quilombolas, na luta por melhores salários, assumir-se-á enquanto professora, e num outro momento, é interessante levantar a voz assumindo sua condição de mulher.

A cultura original de um grupo étnico em contato com outros grupos adquire nova função, se torna cultura de contraste, permitindo vários processos e tende, ao mesmo tempo, a se acentuar. Mas, neste exercício de pensamento, devemos considerar aquilo que já discutimos neste texto: a cultura não é permanente. A cultura é dinâmica.

A tradição cultural serve de reservatório onde se pode buscar, à medida das necessidades e/ou do novo meio, traços culturais isolados do todo que servirão como sinais diacríticos, ou seja, diferenças significantes, para a identidade étnica. A tradição cultural seria desta forma, manipulada para novos fins e não instâncias determinantes.

## O que podemos concluir?

A cultura e a identidade estão inteiramente ligadas e, por isso, é um exercício complexo determinar uma identidade nacional para um país formado de diversas culturas, hábitos e povos oriundos de tantos lugares do globo. Como já discutimos, temos uma única língua nacional e isso fortalece muito a construção de uma identidade nacional. Além da língua, uma grande novidade foi trazida com a Semana de Arte Moderna em 1922: a originalidade e a brasilidade estão justamente na multiplicidade das raízes do Brasil – indígena, africana e ibérica.

O novo conjunto de noções foi rapidamente vitorioso sobre as velhas maneiras de pensar, apesar de no início seus autores terem se visto a braços com críticas desfavoráveis e hostilidade. Na década de 30, porém, já se encontrava perfeitamente consolidada e considerada como a interpretação válida do que seria a *brasilidade*. Com o correr do tempo, mais e mais foi se configurando como núcleo central de uma definição do que seria a identidade nacional, que perdura até os dias atuais. (QUEIROZ, 1989).

Ao assumirmos a identidade de brasileiro, além de nossa identidade individual, estamos dizendo que fazemos parte de um grupo com características comuns, mais uma vez ressalta-se: apesar das *diferenças individuais*.

Desta forma, é certamente possível dizer que existe uma identidade nacional num Brasil constituído inicialmente por três grandes raízes e, mais tarde, alvo de vários outros povos que procuravam refúgio para um novo lar.

Somos brasileiros! Cantamos o mesmo Hino Nacional. Somos considerados o povo mais feliz do mundo, apesar dos Estados considerados mais frios e distantes. Falamos português apesar dos inúmeros sotaques e vocabulários regionais. Comemos arroz e feijão mesmo que não gostemos de arroz com feijão. Lutamos a capoeira e sambamos mesmo sem saber tecnicamente qualquer uma dessas artes. Comemos feijoada e churrasco, estamos sob a mesma bandeira

e torcemos pelo mesmo time nas Copas do Mundo. A despeito da heterogeneidade biológica, das estratificações sociais, preferências individuais e identidades étnicas, memórias dos antepassados, religiões e aspectos culturais diversos, entre tantos outros aspectos que insistem em demarcar diferenças, existem aspectos que, em determinados momentos, nos caracterizam como um só povo promovendo a sensação de unicidade e igualdade.

## Notas

\* Possui Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá – UEM.

<sup>1</sup> Entrevistas realizadas entre os dias 13 e 19 de Junho de 2011 com pessoas que considere negras em virtude de suas feições e cor de pele e que se auto-identificavam enquanto negras.

<sup>2</sup> A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

<sup>3</sup> Mulher, 27 anos, vendedora e dona de casa, ensino médio completo.

<sup>4</sup> Homem, 22 anos, metalúrgico, ensino médio completo, fazendo curso técnico em informática.

<sup>5</sup> Mulher, 29 anos, mãe militante do movimento negro, depiladora, ensino superior completo.

<sup>6</sup> Homem, 33 anos, funcionário público, militante político, ensino superior completo (Ciências Sociais).

<sup>7</sup> Homem, 62 anos, professor e empresário, mestrado em matemática.

<sup>8</sup> Bandeira, M. L., 1988. Território Negro em Espaço Branco. Estudo Antropológico de Vila Bela, Ed. Brasiliense.

<sup>9</sup> Mulher, 27 anos, vendedora e dona de casa, ensino médio completo.

<sup>10</sup> Trabalho de proselitismo religioso.

<sup>11</sup> Homem, 22 anos, metalúrgico, ensino médio completo, fazendo curso técnico em informática.

<sup>12</sup> Mulher, 29 anos, mãe militante do movimento negro, depiladora, ensino superior completo.

<sup>13</sup> Homem, 33 anos, funcionário público, militante político, ensino superior completo (Ciências Sociais).

<sup>14</sup> Homem, 62 anos, professor e empresário, mestrado em matemática.

<sup>15</sup> Consorte, 1991.

<sup>16</sup> Id 15

<sup>17</sup> Grifo do autor.

## Referências

BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território Negro em Espaço Branco**. São Paulo: Brasiliense. 1988, p. 257–339.

CONSORTE, Josildeth Gomes. **A questão do Negro. Velhos e Novos Desafios**. Rev. São Paulo em Perspectiva, 5(1): 85-92, Janeiro/Março 1991.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Antropologia do Brasil**. Mito, História, Etnicidade. São Paulo: Brasiliense. 1987 p. 53–119.

ESPINOLA, Claudia Voigt. A mulher no Islã - gênero, violência e Direitos Humanos. in: **X Jornadas sobre Alternativas religiosas** - sociedad y religion en el Tercer Milenio, 2000, Buenos Aires. Cd-room, 2000.

FONSECA JR, Eduardo. **Zumbi dos Palmares**. A história do Brasil que não foi contada. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Distribuidora, 2002. p. 461

HOLLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Brasil: Zahar Editores, 1980 p. 158.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. in: **Estudos Históricos** - teoria e história. n. 10 v. 5. Rio de Janeiro: APDOC, 1992. P.200-215.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil. in: **Tempo Social** 1(1). São Paulo: USP/Dep. de Sociologia, 1º sem. 1989.

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Jogo de Espelhos**. Imagens da Representação de Si através dos Outros. São Paulo: EDUSP, 1993

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Identidade Étnica, Identificação e Manipulação in: **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

SEYFERTH, Giralda. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizonte antropológico**. 2004, vol.10, n.22, p. 149-197.

VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.



## **Abstract**

Since the beginning of the official History of Brazil, a polemic has been hanging around academic circles and has been worrying the elites: how can a crossbreed country reach economical, political and social success? The ideals brought from Europe stated that success would lay on ethnical homogeneity. Those ideas ended up frustrating Brazilian thinkers from a certain period who saw in Brazil a mixture of races. The question that this article aims to raise is finding in this visibly heterogenic country one national identity.

**Keywords:** Identity. Memory. Nationality.

